

IDOSOS BRASILEIROS: Diferentes regionalmente?

*Ana Amélia Camarano
Ana Roberta Pati Pascom*

1 – INTRODUÇÃO

Já é fato bastante conhecido que a população brasileira está envelhecendo, o que se observa também a nível regional. Por exemplo, a proporção da população idosa¹ no Nordeste passou de 4,3% para 7,8% e no Sudeste de 4,0% para 8,6% entre 1940 e 1996. Além disso, a proporção da população “mais idosa” ou seja, a de 80 anos e mais também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo.

O crescimento relativamente mais elevado do contingente idoso é resultado de suas mais altas taxas de crescimento dada a alta fecundidade prevalecente no passado comparativamente à atual e à redução da mortalidade.² Espera-se um aumento da intensidade desse fenômeno nas duas próximas décadas à medida que as coortes nascidas nos anos 50 e 60 sob um regime de alta fecundidade e mortalidade em baixa começarem a atingir as idades convencionalmente definidas como idosas. Esse fenômeno é chamado de envelhecimento populacional pois se dá em detrimento da diminuição do peso da população jovem no total da população brasileira.

Enquanto o envelhecimento populacional significa mudanças na estrutura etária, a queda da mortalidade é um processo que se inicia no momento da concepção e altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade pois, faz com que mais e mais indivíduos sobrevivam à idades avançadas. Esse processo deve ser reconhecido como uma grande conquista social, talvez a maior do século XX, o que se deve em grande parte ao progresso da medicina e a uma cobertura mais ampla dos serviços de saúde, disseminação dos serviços de saneamento básico e água tratada. No entanto, esse novo cenário é visto com preocupações por acarretar mudanças no perfil das demandas por políticas públicas colocando desafios para o Estado, a sociedade e família.

Reconhece-se que o envelhecimento populacional traz novos desafios. Um deles diz respeito à pressões políticas e sociais para a transferência de recursos na sociedade. Por exemplo, as demandas de saúde se modificam com maior peso das

¹ Como população idosa foi definida aqui, a população de 60 anos e mais.

² Para uma discussão mais detalhada destas transformações a nível nacional, consulte: Camarano *et alli* (1990) e Camarano *et alli* (1999).

doenças crônico-degenerativas, o que se não implica em maior custo *per capita* de internamento e de tratamento, implica por exemplo, em maior frequência de internações hospitalares, consultas ambulatoriais, remédios, etc. A pressão sobre o sistema previdenciário aumenta expressivamente. O envelhecimento traz também, uma sobrecarga sobre a família que estão cada vez menores e com uma participação maior das mulheres no mercado de trabalho.

Reconhece-se também, que o idoso já prestou e presta uma contribuição importante à família e para a própria sociedade. Tomando o caso brasileiro como exemplo, os dados da PNAD 1998 mostram que nas famílias que contêm idosos, 66% da renda familiar provem da renda dos idosos. Nessas famílias, 75% tem idosos como chefes e filhos morando juntos, tendo esta proporção mais do que dobrado entre 1981 e 1998³, ou seja, não se pode perder de vista que a transferência de apoio intergeracional tem assumido cada vez mais um caráter bidirecional dado inclusive, as consequências das frequentes crises econômicas experienciadas pela população brasileira e que tem atingido mais a população jovem.⁴

O princípio básico assumido neste trabalho é o de que nenhuma mudança populacional pode ser considerada por si só, boa ou ruim. Boa ou ruim é a maneira como a sociedade lida com isso. Às mudanças populacionais devem corresponder ajustes na estrutura produtiva e na forma de distribuição de recursos pois, a população deve ser o fim último de qualquer política pública.

O objetivo deste trabalho é o de avaliar as condições de vida da população nordestina e da residente na região Sudeste de 60 anos e mais, aqui chamada de idosa, através basicamente de sua inserção na família e mercado de trabalho. Reconhece-se que o fenômeno do aumento da longevidade tem ocorrido de forma social e espacialmente diferenciada, tornando difícil estabelecer um limite cronológico que permita a definição de idoso. Além disso, esse aumento conjugado com melhorias nas condições de saúde provocadas por uma tecnologia médica mais avançada leva a que ser idoso hoje, seja bastante diferente do que foi nos últimos 20 anos, por exemplo.

O trabalho está dividido em seis seções sendo a primeira esta introdução. Na segunda, descreve-se o crescimento do grupo etário chamado idoso por sexo, sub-grupos de idade e estado conjugal. A terceira analisa a inserção desse sub-grupo na família. A

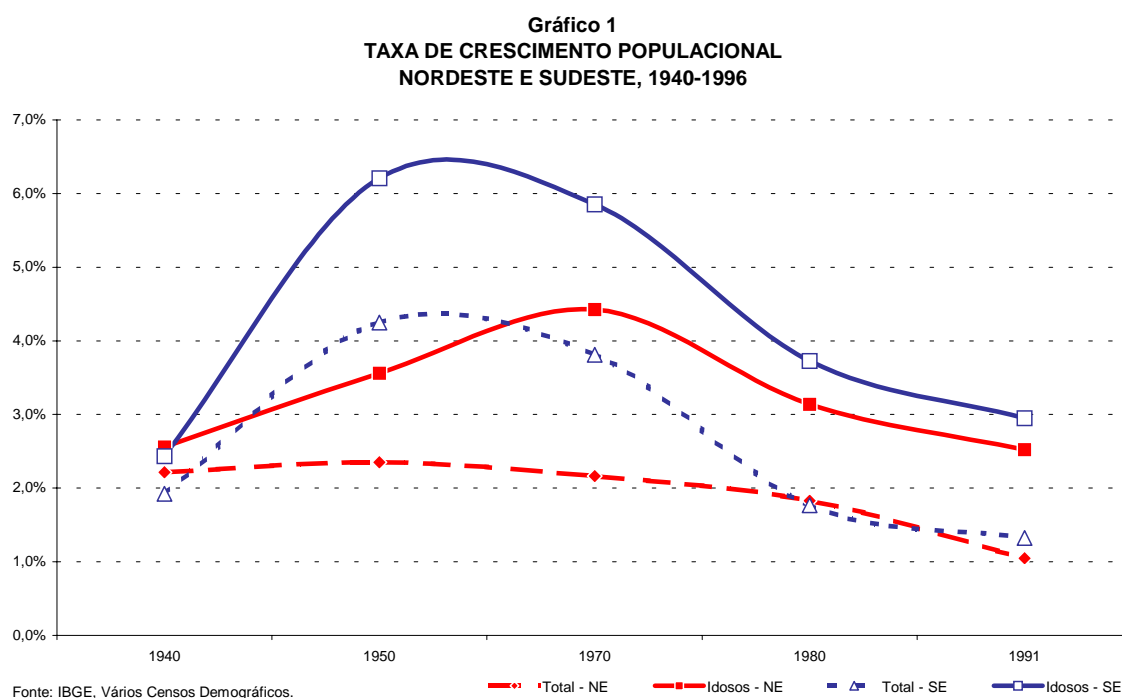
³ Inclui casais com filhos, pai com filhos e mulheres com filhos. A proporção correspondente para 1981 foi de 57,6%.

⁴ Vide Camarano e El Ghaouri (1999).

participação deste subgrupo populacional no mercado de trabalho é considerado na quarta seção. Rendimentos dos idosos são estudados na quinta seção e a sexta apresenta uma síntese dos resultados.

2 - EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

O regime demográfico brasileiro atual caracteriza-se por baixas taxas de crescimento da população total mas, altas taxas de crescimento da população idosa, o que resulta num aumento da proporção desse segmento no total populacional, ou seja, o envelhecimento populacional. Esse fenômeno se observa também a nível regional, embora com intensidades diferentes. Como ilustra o gráfico 1, as taxas de crescimento da população nordestina atingiram o seu máximo entre as décadas 50 e 70, quando atingiram valores em torno de 2,3% ao ano. A partir daí tem declinado chegando a atingir 1,0% a.a. na primeira metade da década de 1990.⁵ No Sudeste, a taxa de crescimento que foi de 2,6% ao ano na década 40, atingiu quase 4,0% em 1970, decrescendo a partir daí (ver gráfico 1).



A alta fecundidade do passado leva a que as taxas de crescimento dos diversos grupos etários passem a ter comportamentos diferenciados. As taxas mostradas sugerem que o processo de envelhecimento da população nordestina e do Sudeste, se

⁵ Os valores apresentados no gráfico referem-se à média geométrica anual da década anterior ao ano mostrado.

medido pela maior taxa de crescimento do segmento idoso, não é novo. Desde os anos 40, que esse segmento apresenta as mais elevadas taxas de crescimento sendo que já nos anos 50, esta já atingira valores superiores a 3,0 % ao ano nas duas regiões, sendo que entre 1970 e 1980, a taxa de crescimento da população idosa da região Sudeste foi de 5,9%. Consequentemente, as proporções da população idosa no total da população das regiões aumentaram.

A queda da mortalidade do segmento idoso tem levado a que o envelhecimento populacional esteja atingindo também, o próprio segmento idoso. Isso leva a que o segmento “mais idoso”, formado pelas pessoas com mais de 80 anos, cresça também, a taxas elevadas. De 73 mil pessoas em 1940 no Nordeste, o contingente “mais idoso” passou para quase 492 mil em 1996, e de 63 mil para 630 mil na região Sudeste no mesmo período (vide gráficos 2 e 3). Em 1996, a população mais idosa respondia por 14,1% da população idosa nordestina e por 10,9% da população idosa do Sudeste.

Gráfico 2
POPULAÇÃO IDOSA
NORDESTE, 1940-1996

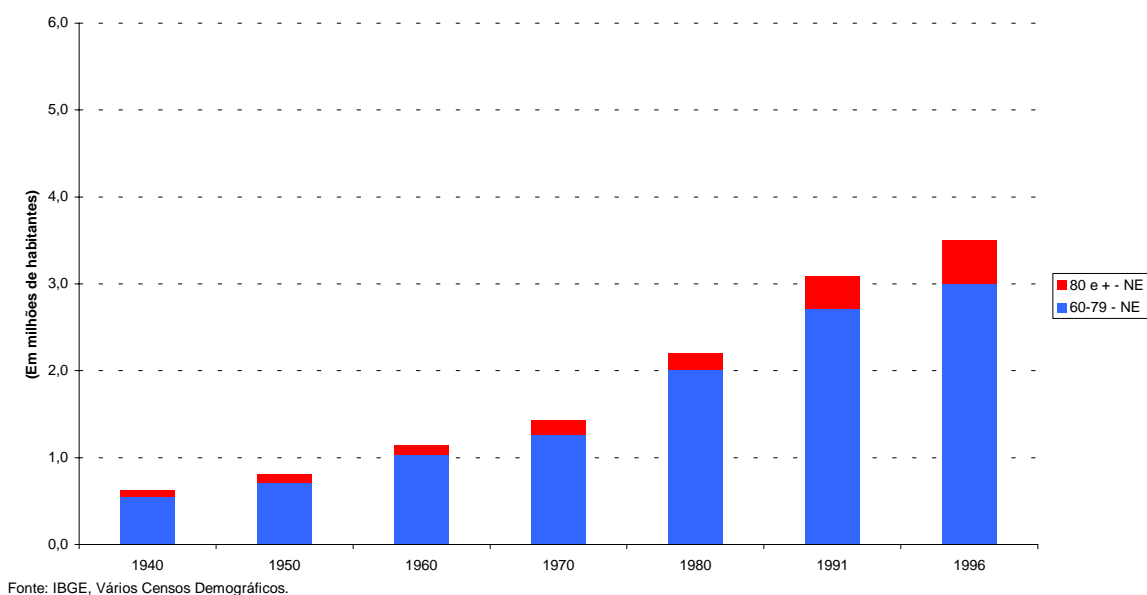
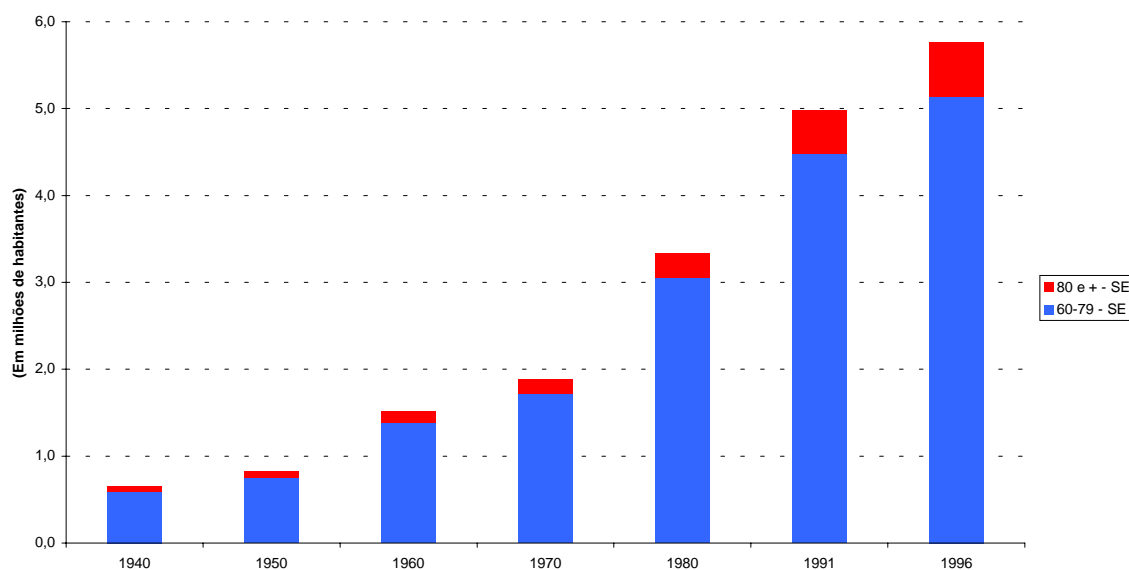


Gráfico 3
POPULAÇÃO IDOSA
SUDESTE, 1940-1996



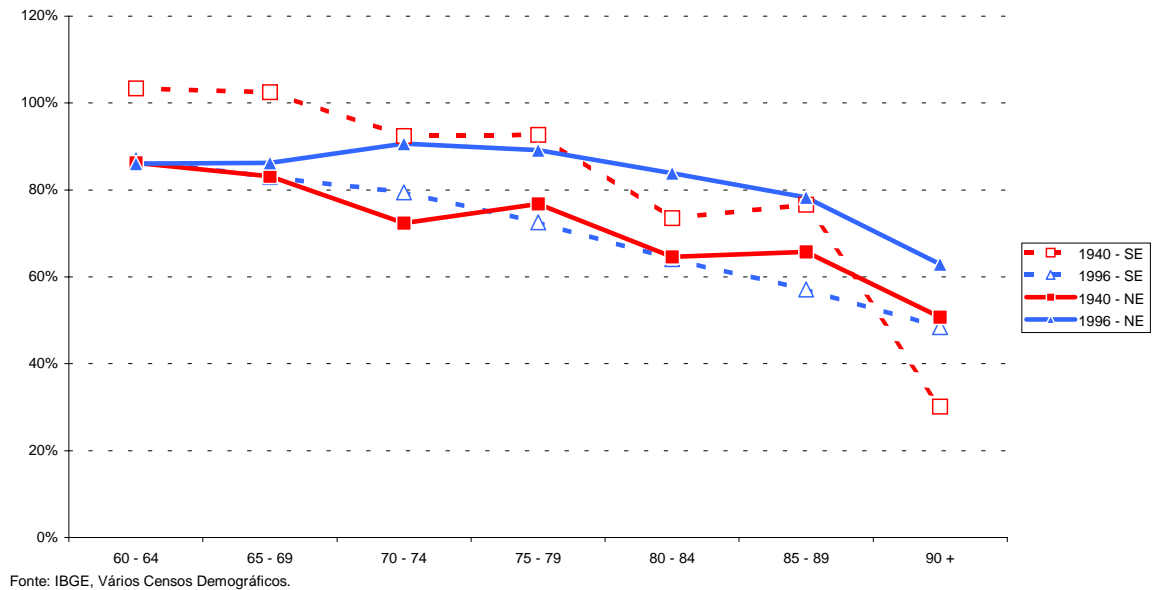
Fonte: IBGE, Vários Censos Demográficos.

Em 1996, dos 3,2 milhões de idosos nordestinos, 53,6% eram do sexo feminino e 55,7% dos idosos do Sudeste eram mulheres. A maior longevidade da população feminina explica esse diferencial na composição por sexo. Como consequência, quanto “mais velho” for o contingente estudado maior a proporção de mulheres neste (vide gráfico 4). A tendência temporal da razão de sexos foi de decréscimo nas duas regiões, mas, de forma mais acentuada na região Nordeste, o que pode ser explicado pela maior emigração masculina relativamente à feminina.

A predominância da população feminina entre os idosos é comprovada internacionalmente e é maior nos países desenvolvidos. Em 1995, a razão de sexos dos países considerados desenvolvidos foi de 63% e entre os em desenvolvimento, de 88%.⁶ A da população brasileira foi de 84% no ano de 1996. A razão de sexos da população nordestina em 1996, foi de 86,4% e da população do Sudeste de 79,5%. Além disso, as mulheres idosas em quase todo o mundo têm uma tendência maior a viverem sozinhas, ou seja, são mais viúvas. No Sudeste, as viúvas constituíam 47,3% da população idosa feminina e os viúvos 11,6% da masculina. No Nordeste, as proporções comparáveis foram de 42,1% e 11,7%.

⁶ Vide: Kinsella e Gist (1995), p 13.

Gráfico 4
RAZÃO DE SEXO DOS IDOSOS POR IDADE
NORDESTE E SUDESTE, 1940-1996



A tabela 1 mostra a distribuição da população idosa por estado conjugal e sexo para as regiões do Nordeste e Sudeste. Entre os homens idosos, 77,2% e 79,2% encontravam-se em união no Nordeste e no Sudeste, respectivamente. Os diferenciais por sexo quanto ao estado conjugal estão relacionados à maior longevidade das mulheres e também, às normas sociais e culturais de nossa sociedade. Por exemplo, homens tendem a se casarem com mulheres mais jovens e o recasamento ocorre em maior escala para viúvos do que para viúvas bem como para divorciados do que para divorciadas. Há uma predominância de mulheres entre os solteiros e os descasados (separados, desquitados e divorciados). Nesse último caso, isso provavelmente ocorre devido às maiores oportunidades de recasamentos dadas aos homens em relação às mulheres, especialmente, às mulheres idosas.

Tabela 1

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO IDOSA POR ESTADO CONJUGAL E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1991 e 1995**

	1950		1970		1991		1995	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nordeste								
Casados	72,5	29,9	78,1	34,8	81,3	41,4	77,2	40,2
Separados, desquitados e divorciados	0,1	0,1	3,6	5,6	4,1	7,5	8,6	8,9
Viúvos	17,3	50,8	13,3	47,7	10,2	40,3	11,7	42,1
Solteiros	10,1	19,2	5,0	11,9	4,5	10,8	2,5	8,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sudeste								
Casados	72,8	32,3	75,8	35,3	79,6	40,5	79,2	39,4
Separados, desquitados e divorciados	0,3	0,2	3,7	4,9	3,6	5,6	4,7	6,0
Viúvos	19,6	58,5	14,7	51,5	11,0	44,6	11,6	47,3
Solteiros	7,2	9,0	5,9	8,3	5,7	9,2	4,5	7,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Vários Censos Demográficos de 1991 e PNAD de 1995.

A tabela 1 permite também a análise das mudanças ocorridas na distribuição da população idosa por estado conjugal entre os anos de 1950 e 1995. Tanto no Nordeste, quanto no Sudeste observou-se uma queda expressiva na proporção de idosos viúvos e solteiros de ambos os sexos. Em contrapartida, houve um aumento na de casados e descasados, neste último em proporções maiores para as mulheres. O aumento nas proporções de separados deve estar associado ao aumento geral nos descasamentos que tem atingido a população como um todo. Já, o aumento da proporção de casados conjuntamente com a redução na de viúvos pode estar associados tanto ao aumento da longevidade quanto ao de uniões consensuais e mostram que os idosos, tanto homens quanto mulheres, estão menos sozinhos.

3 – INSERÇÃO DO IDOSO NA FAMÍLIA

3.1 – Visão Geral

Um primeiro ponto a destacar na análise da inserção do idoso na família é que enquanto apenas 7,3% da população nordestina e 8,3% da do Sudeste tinha mais de 60 anos, 24,4% das famílias nas duas regiões continham pelo menos um idoso. As tabelas 2 e 3 apresentam uma comparação do perfil estatístico das famílias da Região Nordeste e Sudeste, respectivamente, que contém idosos e das que não contém em 1998.⁷ Observa-

⁷ Os dados das PNADs do IBGE definem famílias como o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que residissem na mesma unidade domiciliar e, também, a pessoa que morasse só em uma unidade domiciliar (domicílio particular permanente). Em 1997, o entrevistador perguntou ao morador qual a “pessoa de referência” na família ao invés de quem é “o chefe”, tal como nos censos de população e PNADs anteriores. O esforço do IBGE para abrir esta categoria crítica, no entanto, ainda não consegue captar a realidade que vem sendo indicada por outras pesquisas de campo, onde cada vez mais se encontra que a resposta sobre chefia do domicílio e/ou famílias é atribuída a ambos, homem e mulher, ou seja, compartilhada (Goldani, 1998).

se, como esperado, nas duas regiões, que as famílias com a presença de idosos, quer na qualidade de chefes de sua própria família ou mesmo como parte da família, apresentam uma estrutura bastante diferenciada das que não contem. São famílias menores, em etapas do ciclo vital mais avançado e consequentemente, com estruturas mais envelhecidas (os chefes com idade média ao redor de 66,5 e 65,6 anos no Nordeste e Sudeste respectivamente, contra 38,1 anos no Nordeste e 39,4 anos no Sudeste nas famílias sem idosos) e com uma presença maior de mulheres na condição de chefes ou pessoa de referência especialmente no Sudeste (35,0% no Nordeste e 36,3% no Sudeste, contra 23,0% e 24,4% no Nordeste e Sudeste, respectivamente, nas famílias sem idosos).

Tabela 2

ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS SEGUNDO A PRESENÇA DE IDOSOS

NORDESTE, 1998

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	Com Idosos	Sem Idosos	Total
PERFIL DAS FAMÍLIAS			
* Tamanho médio	3,30	3,96	3,80
* Nº médio de filhos	1,15	2,08	1,85
* Rendimento Médio familiar <i>per capita</i> ¹	202,72	166,67	175,83
* Proporção média da renda que depende do chefe	64,8	73,2	71,3
* Nº médio de pessoas que trabalham	1,68	1,19	1,31
* Número médio de Idosos por família	1,32	-	0,32
CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DE FAMÍLIA			
* Idade média do chefe (Anos)	66,5	38,1	45,0
* Proporção de chefes homens	65,0	75,6	73,0
* Proporção de chefes mulheres	35,0	24,4	27,0
* Número médio de anos de estudo dos chefes	2,14	4,46	3,90
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE FAMÍLIAS (%)			
Total	100,0	100,0	100,0
<i>Nucleares</i>	60,7	87,7	81,1
Casal sem filhos	13,5	7,9	9,3
Casal com filhos	22,5	56,5	48,2
Mulher sozinha	8,4	1,8	3,4
Mãe com filhos	9,0	16,5	14,7
Homem sozinho	4,9	3,5	3,9
Pai com filhos	2,4	1,4	1,6
<i>Extensas</i>	39,3	12,3	18,9
Casal sem filhos	7,2	1,0	2,5
Casal com filhos	13,3	6,0	7,8
Mulher sozinha	8,3	1,6	3,3
Mãe com filhos	7,5	2,5	3,7
Homem sozinho	1,8	1,1	1,3
Pai com filhos	1,2	0,1	0,4

Fonte dos dados brutos: IBGE, PNAD 1998.

Elaboração: IPEA.

Nota: (1) Rendimento médio familiar per capita, em reais, inclui a soma de todos os rendimentos das pessoas na família dividido pelo número destas.

(2) A proporção de famílias com Idosos chefes está incluída dentro da proporção de famílias com Idosos.

Tabela 3

ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS SEGUNDO A PRESENÇA DE IDOSOS

SUDESTE, 1998

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	Com Idosos	Sem Idosos	Total
PERFIL DAS FAMÍLIAS			
* Tamanho médio	2,84	3,53	3,36
* Nº médio de filhos	0,89	1,68	1,49
* Rendimento Médio familiar <i>per capita</i> ¹	443,11	380,83	396,46
* Proporção média da renda que depende do chefe	64,8	71,2	69,7
* Nº médio de pessoas que trabalham	1,56	1,09	1,21
* Número médio de Idosos por família	1,33	-	0,32
CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DE FAMÍLIA			
* Idade média do chefe (Anos)	65,6	39,4	45,8
* Proporção de chefes homens	63,7	77,0	73,8
* Proporção de chefes mulheres	36,3	23,0	26,2
* Número médio de anos de estudo dos chefes	4,36	6,76	6,18
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE FAMÍLIAS (%)			
Total	100,0	100,0	100,0
<i>Nucleares</i>	70,6	90,6	85,7
Casal sem filhos	19,8	9,4	12,0
Casal com filhos	21,6	58,5	49,5
Mulher sozinha	11,6	2,6	4,8
Mãe com filhos	10,9	14,6	13,7
Homem sozinho	4,1	3,9	4,0
Pai com filhos	2,5	1,4	1,7
<i>Extensas</i>	29,4	9,4	14,3
Casal sem filhos	4,2	0,8	1,6
Casal com filhos	9,8	3,8	5,3
Mulher sozinha	5,8	1,4	2,5
Mãe com filhos	6,0	2,0	3,0
Homem sozinho	2,3	1,4	1,6
Pai com filhos	1,2	0,1	0,4

Fonte dos dados brutos: IBGE, PNAD 1998.

Elaboração: IPEA.

Nota: (1) Rendimento médio familiar per capita, em reais, inclui a soma de todos os rendimentos das pessoas na família dividido pelo número destas.

(2) A proporção de famílias com Idosos chefes está incluída dentro da proporção de famílias com Idosos.

No que diz respeito às diferenças nos arranjos familiares internos, nota-se que há uma predominância em ambas as regiões de famílias nucleares, ainda que no Nordeste a proporção de famílias extensas com idosos seja bastante mais elevada (39,3%) do que no Sudeste (29,4%). Essa predominância de famílias extensas por parte da região Nordeste se dá em todos os arranjos familiares que compõem esse tipo de família excluindo aquelas onde os núcleos centrais são formados por homens sozinhos ou pai com filhos.

Entre as famílias sem idosos, a proporção de famílias extensas não chega a um terço da observada pelas famílias com idosos. Os arranjos de casais com filhos ultrapassam 62,0% das famílias sem idosos nas duas regiões estudadas, e nas famílias com idosos constituem de 35,9% das famílias nordestinas e 31,4% das do Sudeste. O estágio do ciclo vital dessas famílias é o determinante, em grande parte, desses diferenciais; a

maioria dos idosos não vive mais com seus filhos. A sobremortalidade masculina faz com que as mulheres sobrevivam por mais tempo sozinhas ou com seus filhos. Nas duas regiões, a proporção de mães com filhos foi mais de quatro vezes maior do que a de pais. Essas proporções são também afetadas pelos descasamentos dado que mulheres são menos propensas a entrar numa nova união do que os homens, como já mencionado.

As tabelas 2 e 3 também mostram, tendo presente as limitações dos dados apresentados, que as famílias que contém idosos estão em melhores condições econômicas do que as demais famílias nas duas regiões. São relativamente menos pobres e seus membros dependem menos da renda do chefe; 64,8% nas duas regiões nas famílias com idosos, contra 73,2% no Nordeste e 71,2% no Sudeste em famílias sem idosos. Isso se deve, em grande medida, aos tipos de arranjos internos e etapas de ciclo familiar que estabelecem diferentes relações de dependência econômica entre os membros das famílias.

Ao se comparar as famílias nordestinas com idosos com as que moram no Sudeste, observa-se que as primeiras famílias são de tamanho maior e com um número mais elevado de filhos. Como se viu anteriormente, existem mais famílias extensas dentre as famílias nordestinas. Apesar das famílias do Nordeste apresentarem um maior número de pessoas trabalhando, seu rendimento médio *per capita* é menos da metade do obtido pelas famílias do Sudeste. Em termos de escolaridade, o número médio de anos de estudo dos chefes de famílias com idosos do Sudeste é mais do que o dobro do observado nos chefes nordestinos. Essas diferenças apontam claramente melhores condições de vida das famílias com idosos no Sudeste do que no Nordeste, como esperado.

A tabela 4 compara as estruturas das famílias com idosos em 1981 e 1998 no Nordeste e Sudeste, tentando fazer algumas inferências sobre o que mudou (ou não) nas famílias com idosos nessas regiões. A proporção de famílias com idosos não alterou muito no período considerado, oscilou em torno de 24%, não obstante a proporção da população idosa ter crescido no período. Quanto às variações, chama-se a atenção para a redução do tamanho médio das famílias da região Sudeste causado pela diminuição do número de filhos que nelas residiam.

Tabela 4

ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS COM IDOSOS
NORDESTE E SUDESTE, 1981 E 1998

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	Nordeste		Sudeste	
	1981	1998	1981	1998
PERFIL DAS FAMÍLIAS				
* Tamanho médio	3,38	3,30	3,85	2,84
* Nº médio de filhos	1,27	1,15	1,59	0,89
* Rendimento Médio familiar <i>per capita</i> ¹	0,73	1,56	1,99	3,41
* Proporção média da renda que depende do chefe	73,0	64,8	68,9	64,8
* Nº médio de pessoas que trabalham	1,76	1,68	1,91	1,56
* Número médio de Idosos por família	0,86	1,32	1,00	1,33
* Proporção de famílias com idosos	24,8	24,4	21,1	24,4
CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DE FAMÍLIA				
* Idade média do chefe (Anos)	64,5	66,5	63,0	65,6
* Proporção de chefes homens	72,5	65,0	72,2	63,7
* Proporção de chefes mulheres	27,5	35,0	27,8	36,3
* Número médio de anos de estudo dos chefes	3,42	2,14	1,41	4,36
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE FAMÍLIAS (%)				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>Nucleares</i>	58,6	60,7	63,9	70,6
Casal sem filhos	13,0	13,5	17,6	19,8
Casal com filhos	25,0	22,5	23,5	21,6
Mulher sozinha	7,3	8,4	8,2	11,6
Mãe com filhos	7,2	9,0	8,2	10,9
Homem sozinho	4,0	4,9	3,8	4,1
Pai com filhos	2,1	2,4	2,5	2,5
<i>Extensas</i>	41,4	39,3	36,1	29,4
Casal sem filhos	6,6	7,2	4,8	4,2
Casal com filhos	17,9	13,3	15,7	9,8
Mulher sozinha	6,7	8,3	5,4	5,8
Mãe com filhos	6,4	7,5	5,2	6,0
Homem sozinho	2,4	1,8	3,9	2,3
Pai com filhos	1,5	1,2	1,1	1,2

Fonte dos dados brutos: IBGE, PNAD's de 1981 e 1998.

Elaboração: IPEA.

Nota: (1) Rendimento médio familiar per capita, inclui a soma de todos os rendimentos das pessoas na família dividido pelo número de seus componentes. Este rendimento foi expresso em números de salários mínimos, que em 1981 era de Cr\$ 8.464,80 e em 1998 R\$ 130,00.

Observou-se um aumento expressivo nas famílias monoparentais nas duas regiões. É possível que as famílias monoparentais tenham uma fecundidade mais baixa do que as formadas por casais com filhos o que pode também, explicar a redução no número médio de filhos morando em famílias com idosos. Como reflexo da queda da mortalidade, a idade média do chefe de família aumentou em dois anos no Nordeste (passando de 64,5 para 66,5 anos), e em 2,6 anos no Sudeste (de 63,0 para 65,6 anos).

Apesar da redução no número médio de pessoas que trabalham observada na região Sudeste, houve um aumento considerável no rendimento médio *per capita* e uma diminuição da proporção da renda familiar que depende do chefe da família nas duas regiões. Isso está possivelmente relacionado à universalização da Seguridade Social e da Previdência Rural, que teve uma repercussão bastante positiva, principalmente nas áreas

rurais e entre as mulheres. Nota-se ainda que apesar de o rendimento médio ter mais que dobrado no Nordeste de 1981 para 1998, este ainda é menos da metade do rendimento observado para o Sudeste em 1998.

3.2 – Estrutura familiar por grupos de renda

A caracterização das famílias vistas acima diz respeito à média da população regional e como tal mascaram a grande heterogeneidade que marca a sociedade dessas regiões. Com vistas a se ter uma idéia do impacto que o nível de renda pode ter nos arranjos familiares e/ou vice versa, a tabela 5 apresenta alguns indicadores da estrutura familiar dos dois extremos de grupos de renda familiar no Nordeste e Sudeste brasileiro.⁸

Pode-se observar que as famílias mais pobres são menores do que as mais ricas nas duas regiões, mas as famílias de menor rendimento nordestinas apresentam um número maior de filhos do que no Sudeste. O número médio de pessoas que trabalham nas famílias mais pobres é menor comparadas às famílias mais ricas, e portanto, observa-se uma maior dependência da renda do chefe. É importante observar que existem diferenciais bastantes expressivos entre as famílias pobres no Nordeste e no Sudeste, tais como: o número médio de filhos (1,6 no Nordeste e 0,5 no Sudeste), na média de anos de estudo do chefe (1,0 e 2,1 no Nordeste e Sudeste respectivamente). Menos expressivos são os diferenciais no rendimento familiar *per capita* que no Nordeste, é 21,7% menor do que no Sudeste. Os chefes pobres são bem mais velhos, bem menos educados e apresentam uma proporção mais elevada de mulheres na condição de chefia. Encontra-se uma proporção elevada de mães com filhos nas duas regiões, sendo que no Sudeste ela se compara à de casais com filhos. A proporção de famílias monoparentais ultrapassa 50,0% entre as famílias de renda mais baixa das duas regiões, estando aí incluídas também, as famílias compostas por pais e filhos.

⁸ Estes são: famílias com uma renda mensal de menos de três salários mínimos mensais e maior de 10 salários.

Tabela 5

ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS COM IDOSOS SEGUNDO A CLASSE DE RENDIMENTO FAMILIAR

NORDESTE E SUDESTE - 1998

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	Nordeste		Sudeste	
	< 3 SM ²	> 10 SM	< 3 SM	> 10 SM
PERFIL DAS FAMÍLIAS				
* Tamanho médio	2,91	3,92	2,26	3,36
* Nº médio de filhos	1,55	1,15	0,54	1,20
* Proporção média da renda familiar que depende do chefe	70,7	63,4	74,6	58,2
* Rendimento médio familiar <i>per capita</i>	95,46	1.060,92	121,86	1.158,89
* Nº médio de pessoas que trabalham	0,93	1,79	0,50	1,57
CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DE FAMÍLIA				
* Idade média do chefe (Anos)	67,8	64,3	68,5	63,2
* Proporção de chefes homens	60,7	71,8	53,8	71,9
* Proporção de chefes mulheres	39,3	28,2	46,2	28,1
* Número médio de anos de estudo dos chefes	1,02	8,48	2,11	8,33
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE FAMÍLIAS (%)				
* Distribuição das famílias por categoria	64,5	7,9	34,8	23,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Nucleares	64,8	51,4	77,9	63,4
Casal sem filhos	15,4	12,7	22,1	16,0
Casal com filhos	18,4	27,4	12,8	31,1
Mulher sozinha	12,0	2,1	22,5	3,3
Mãe com filhos	9,5	6,6	10,4	9,1
Homem sozinho	7,0	1,2	7,8	1,7
Pai com filhos	2,5	1,5	2,2	2,2
Extensas	35,2	48,6	22,1	36,6
Casal sem filhos	6,8	6,6	3,3	4,6
Casal com filhos	9,0	21,1	3,9	15,6
Mulher sozinha	9,5	8,0	7,1	6,2
Mãe com filhos	7,0	8,7	4,8	6,8
Homem sozinho	1,8	2,4	2,3	2,2
Pai com filhos	1,0	1,8	0,8	1,1

Fonte dos dados brutos: IBGE, PNAD 1998.

Elaboração: IPEA.

Nota: (1) Rendimento médio familiar per capita, em reais, inclui a soma de todos os rendimentos das pessoas na família dividido pelo número destas.

(2) O salário mínimo no ano de 1998 era de R\$ 130,00.

Há uma maior proporção de famílias extensas entre os extratos de renda mais altos o que pode ser indicativo de uma estratégia de sobrevivência o que resultaria numa maior renda. Nesse extrato de renda, as famílias tem tamanho maior mas, apenas no Sudeste esse maior tamanho é resultado de um número médio de filhos maior. A dependência pela renda do chefe diminui, pois aumenta o número médio de pessoas trabalhando, o que deve estar contribuindo também, para uma renda familiar mais elevada. Os chefes por sua vez são mais educados, relativamente mais jovens e, em maioria homens. O arranjo casal com filhos quase alcança a proporção de 50,0% das famílias nas duas regiões e diminui a proporção de famílias monoparentais (em torno de 32,0% em ambas as regiões).

Os fatores mencionados acima conjugados com a menor idade média do chefe nos dois grupos de renda mais elevada (64,3 anos no Nordeste e 63,2 anos no Sudeste), sugerem também que, dentro do grupo de idosos, a pobreza está associada à idade, à menor escolarização e à feminilização da chefia. Como as famílias mais pobres

eram também menores, e chefiadas por mulheres, é provável que uma parcela importante das mulheres chefes seja constituída de viúvas e/ou mães solteiras

3.3 – Perfil dos Idosos Chefes e Parentes

Esta seção apresenta algumas características dos idosos chefes de família e a sua relação com os outros moradores do domicílio. A comparação da população idosa segundo a sua condição no domicílio entre 1981 e 1998 está mostrada na tabela 6. A grande maioria dos idosos foi classificada como chefe em 1998, 64,3% no Nordeste e 63,1% no Sudeste, o que significou um acréscimo de 1,0 e 4,4 pontos percentuais no Nordeste e Sudeste, respectivamente, no período considerado. Aproximadamente 22,0% foram classificados como cônjuges nas duas regiões em 1998. Houve um aumento de 15,0% na proporção de cônjuges no período no Nordeste e de 13,7% no Sudeste. Os homens predominam entre os chefes e as mulheres no papel de cônjuges. No entanto, destaca-se um aumento de 17,9% na proporção de mulheres chefiando domicílios no Nordeste e de 29,8% no Sudeste.

Tabela 6

**DISTRIBUIÇÃO DOS IDOSOS SEGUNDO SUA CONDIÇÃO NO DOMICÍLIO
NORDESTE E SUDESTE, 1981 E 1998**

	1981			1998		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Nordeste						
Chefe	92,1	36,3	63,3	90,8	42,7	64,3
Cônjuge	0,2	37,6	19,5	2,1	38,9	22,4
Filho	0,3	0,7	0,5	0,3	0,6	0,5
Parente	7,1	24,1	15,8	6,2	17,1	12,2
Agregado	0,4	0,9	0,7	0,5	0,4	0,5
Pensionista	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Empregado	0,0	0,4	0,2	0,0	0,2	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sudeste						
Chefe	89,1	32,6	58,7	90,0	42,3	63,1
Cônjuge	0,4	35,7	19,4	2,2	37,4	22,0
Filho	0,3	0,5	0,4	0,4	0,6	0,5
Parente	9,6	29,9	20,5	7,0	19,1	13,8
Agregado	0,5	0,6	0,6	0,3	0,5	0,4
Pensionista	0,2	0,3	0,2	0,0	0,0	0,0
Empregado	0,0	0,4	0,2	0,0	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, PNAD's de 1981 e 1998.

Embora decrescente, chama-se a atenção para a elevada proporção de mulheres classificadas como “parentes” em 1998 nas duas regiões, 17,1% no Nordeste e 19,1% no Sudeste. Essa proporção em 1981, fora de 24,1% e 29,9% no Nordeste e Sudeste, respectivamente. Esse grupo deve ser constituído em grande parte por mães ou sogras morando com filhos. Entre os homens, a proporção comparável também apresentou uma queda no período considerado mas, os valores observados, foram bem menos expressivos; em torno de 6,2% no Nordeste e 7,0% no Sudeste em 1998.

Os gráficos 5 e 6 apresentam as probabilidades de um idoso do sexo masculino e feminino respectivamente, serem “parentes” por idade nos anos de 1981 e 1998. Esses gráficos revelam que a probabilidade de um homem idoso ser parente aumenta com a idade nas duas regiões nos anos estudados, apesar de em menor proporção em 1998. Já as respectivas probabilidades para mulheres são menos sensíveis à idade. Em 1981, a probabilidade de uma idosa ser “parente” era praticamente a mesma do que a de um idoso do sexo masculino, 16,3% e 18,2% no Nordeste e Sudeste, respectivamente. Ao contrário do que ocorreu com os homens, essas probabilidades permaneceram praticamente constantes entre 1981 e 1998. Nota-se que a probabilidade de uma mulher ser parente em 1998 é em torno de três vezes maior do que a de um homem nas duas regiões. Acredita-se que a condição de parente está associada um maior “dependência” de outros membros da família o que é fortemente associado com a idade.

Gráfico 5
PROBABILIDADE DE UM IDOSO DO SEXO MASCULINO SER PARENTE POR IDADE
NORDESTE E SUDESTE - 1981 E 1998

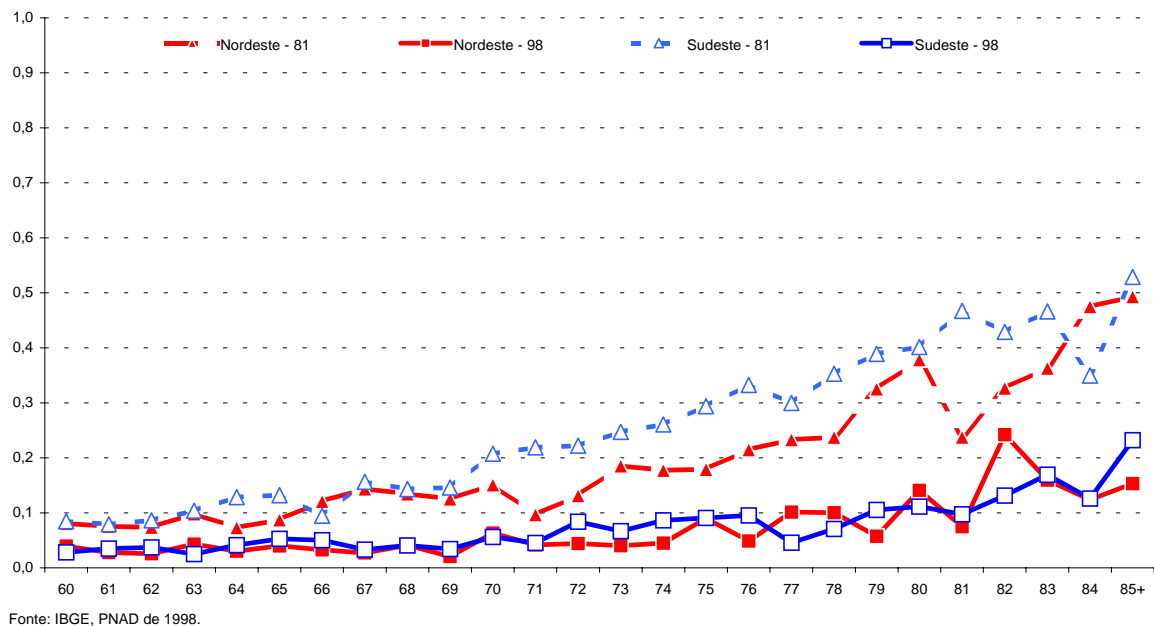
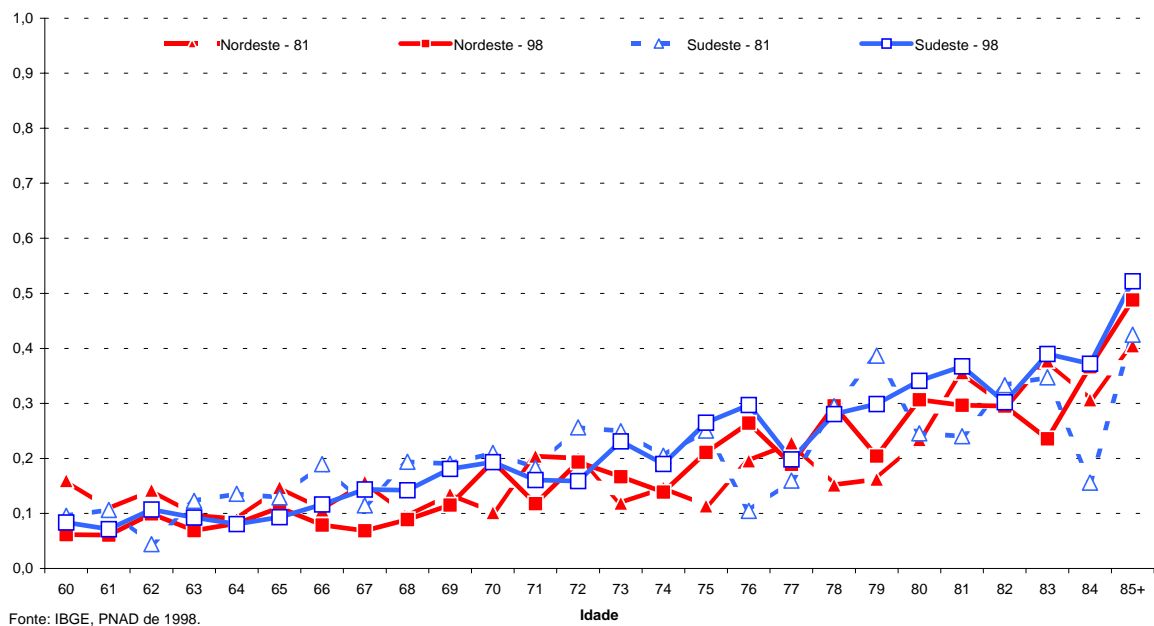


Gráfico 6
PROBABILIDADE DE UM IDOSO DO SEXO FEMININO SER PARENTE POR IDADE
NORDESTE E SUDESTE - 1981 E 1998



Essa hipótese de maior dependência dos parentes é reforçada quando se observa na tabela 7 que entre os homens, é essa categoria que percebe uma remuneração mais baixa. Entre as mulheres, esse grupo é o que percebe a segunda mais baixa renda. A mais baixa remuneração é encontrada entre as cônjuges. Interessantemente as diferenças

regionais nos rendimentos dos parentes são as menores dentre as três categorias analisadas.

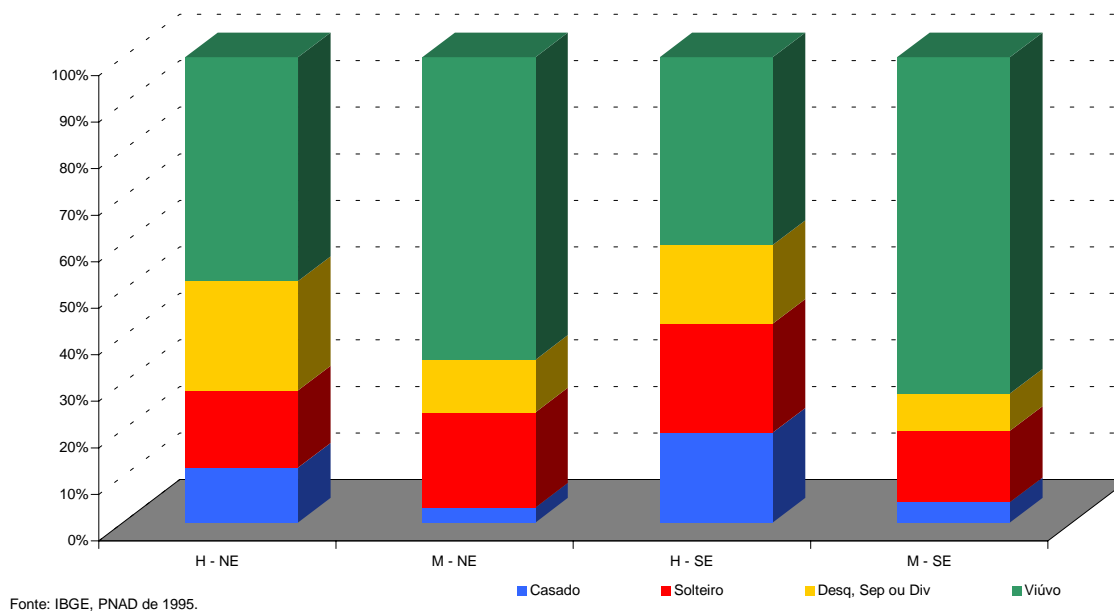
Tabela 7
RENDIMENTO MÉDIO DE TODAS AS FONTES DOS IDOSOS POR
CONDIÇÃO NO DOMICÍLIO E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1998

	Nordeste		Sudeste	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Chefe	388,26	270,22	803,25	433,73
Cônjuge	380,91	134,18	1.055,69	165,99
Parente	163,30	184,44	299,45	271,92
Total	372,18	201,28	770,91	301,04

Fonte: IBGE, PNAD de 1998.

Dentre os parentes, predominam os viúvos em todas as regiões e em ambos os sexos, sendo entre as mulheres onde se verificam as proporções mais elevadas (vide gráfico 7). Excluindo os homens nordestinos, a segunda maior categoria de parentes era formada por solteiros. Esses dados sugerem que o casamento propicia aos idosos uma relativa “independência”.

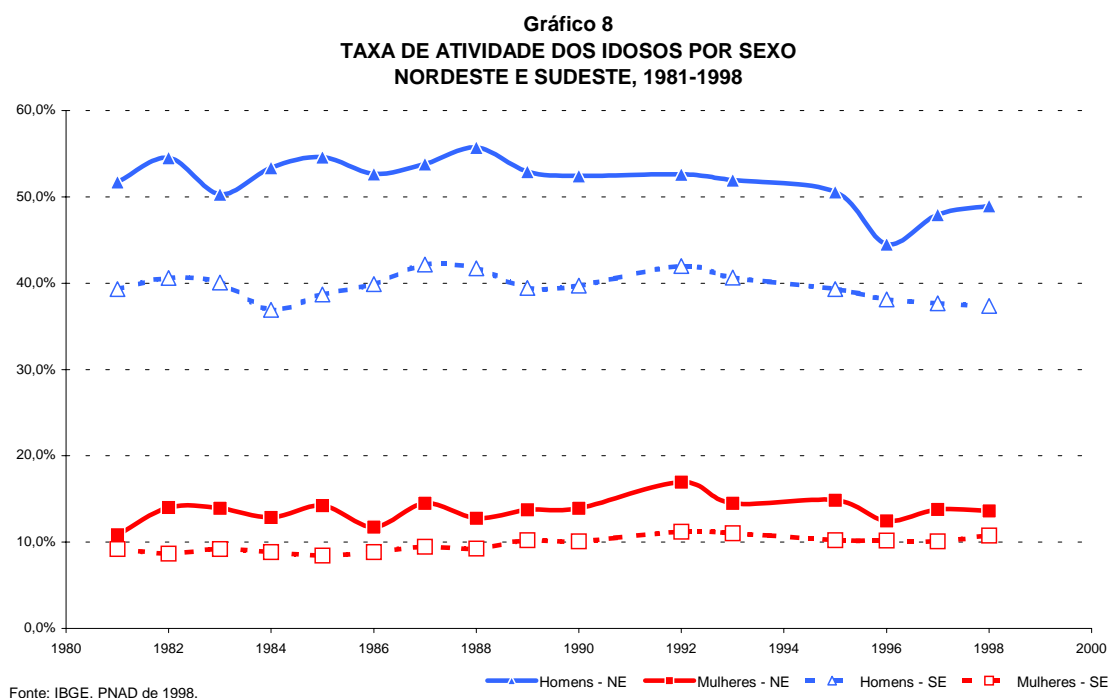
Gráfico 7
DISTRIBUIÇÃO DOS PARENTES POR ESTADO CONJUGAL E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1995



4 - INSERÇÃO DOS IDOSOS NO MERCADO DE TRABALHO⁹

4.1 - Participação na Atividade Econômica

A participação da população idosa brasileira no mercado de trabalho tem tido um impacto expressivo tanto na renda quanto na oferta de força de trabalho.¹⁰ O gráfico 8 mostra a evolução das taxas de atividade da população idosa por sexo nas duas regiões nas várias PNADs entre 1981 e 1998. Esse gráfico mostra que as taxas de participação dos idosos no Nordeste foram superiores às do Sudeste em todos os anos e para os dois sexos. A tendência temporal apresentada para a população masculina é de um leve decréscimo nessa participação nas duas regiões, embora não monotônico. Entre as mulheres, a tendência mostrada pelos dados foi a de um pequeno crescimento, as taxas de participação passam de 10,9% e 9,2% em 1981 para 13,6% e 10,7% em 1998 no Nordeste e Sudeste, respectivamente.



Aposentadoria é tradicionalmente, um instrumento importante de regulamentação da participação do idoso na força de trabalho. Mas, isso não parece ser o caso do Brasil, onde o impacto da aposentadoria na saída do idoso no mercado de trabalho não parece ser muito grande.¹¹ Nas regiões em estudo, as taxas de atividades mostram-se pouco sensíveis à aposentadoria. A proporção de homens aposentados

⁹ Os dados da PEA aqui apresentada foram...

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o Brasil, vide: Camarano, *et alli* (1999) e Camarano (2000).

¹¹ Vide: Camarano (2000).

aumentou em 60,6% no Nordeste entre 1978 e 1998 e esse aumento não foi traduzido em redução expressiva nas taxas de atividade. Já no Sudeste houve um aumento de 42,0% na proporção de aposentados do sexo masculino e esse refletiu nas taxas de atividade; observou-se uma queda de aproximadamente 45,0% nessa (ver gráficos 9 e 10). A proporção de mulheres nordestinas aposentadas mais que dobrou nesse mesmo período, mas a das residentes no Sudeste permaneceram praticamente constante.

Gráfico 9
TAXAS DE ATIVIDADE DOS IDOSOS E PROPORÇÃO DE IDOSOS APOSENTADOS POR SEXO
NORDESTE, 1978-1998

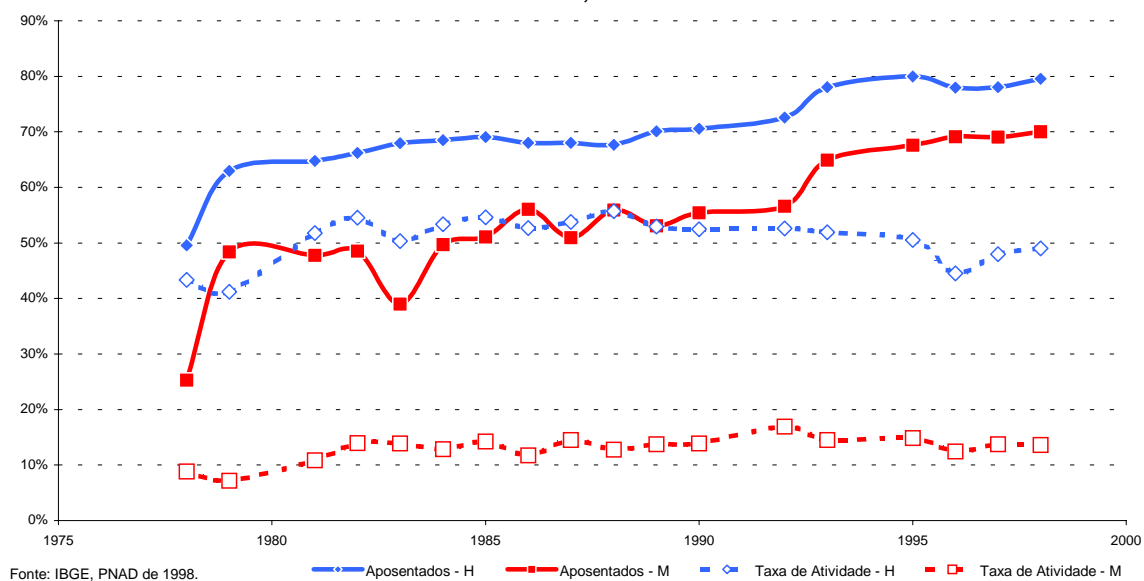
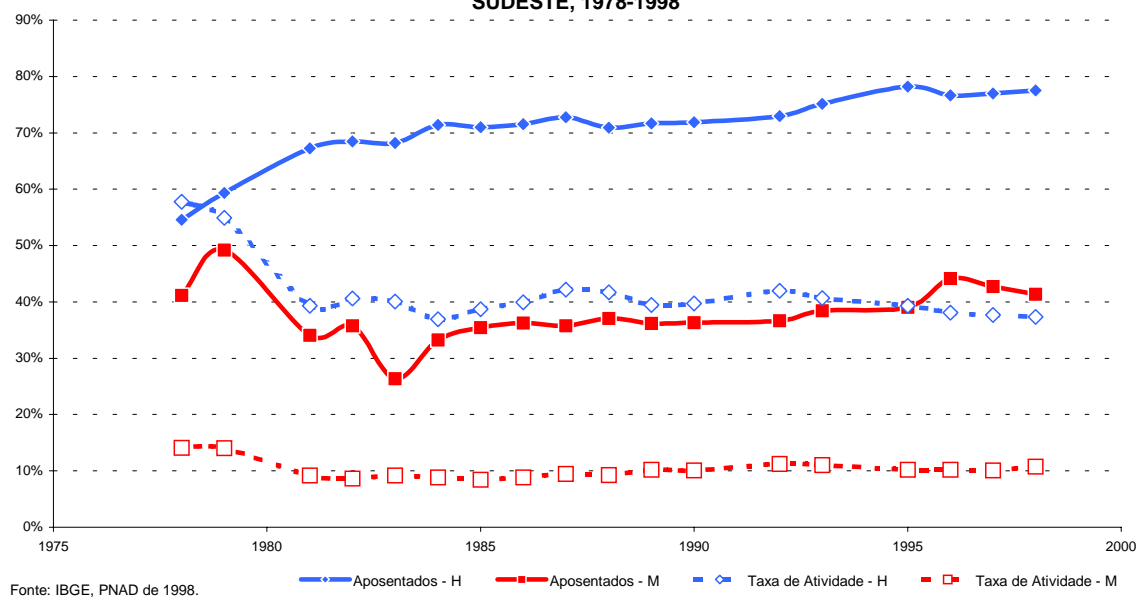


Gráfico 10
TAXAS DE ATIVIDADE DOS IDOSOS E PROPORÇÃO DE IDOSOS APOSENTADOS POR SEXO
SUDESTE, 1978-1998



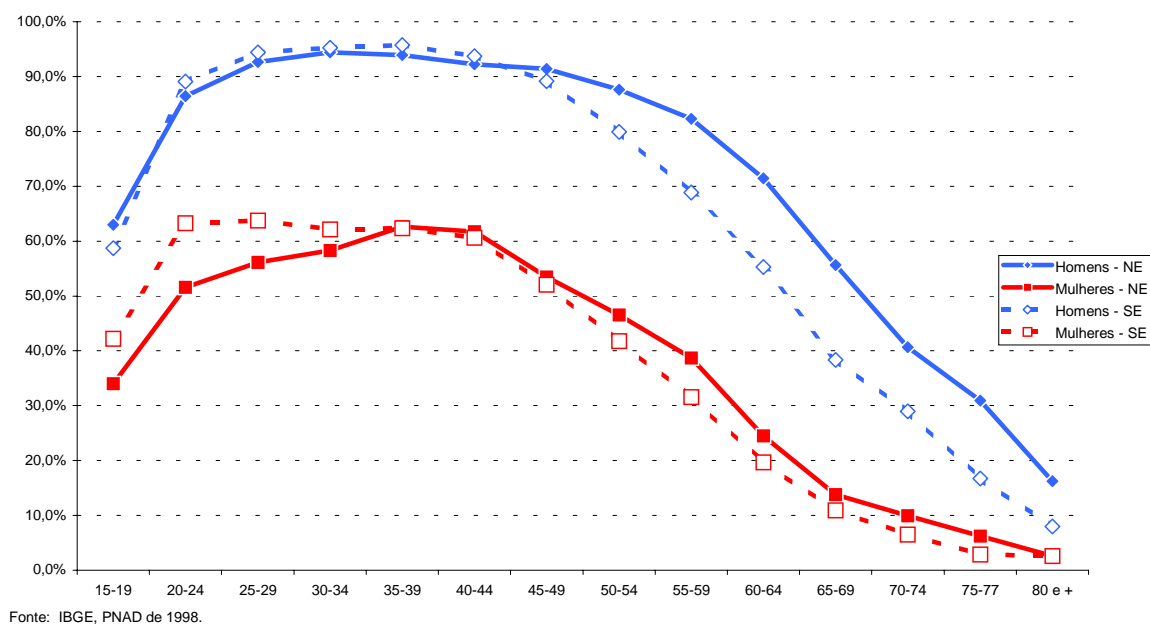
4.2 - O Idoso Aposentado que Trabalha

A baixa sensibilidade das taxas de atividade à aposentadoria deve-se ao fato do aposentado voltar ao mercado de trabalho. Os aposentados representavam grande parte da PEA idosa em 1998; 64,5% da PEA idosa masculina nordestina era constituída por aposentados que continuaram trabalhando e 55,1% da do Sudeste. A taxa de participação dos aposentados masculinos na PEA nordestina aumentou em aproximadamente 40% entre 1981 e 1998 e a feminina mais do que dobrou. Já, a dos aposentados residentes no Sudeste também aumentou expressivamente mas em menor intensidade do que no Nordeste; os aumentos foram de 29% e 55%, homens e mulheres, respectivamente. Enquanto o aumento da parcela da PEA constituída por aposentados pode estar refletindo a maior cobertura do benefício previdenciário, o aumento da taxas de participação dos aposentados pode estar refletindo a queda da mortalidade conjugado com melhores condições de saúde que permite que uma pessoa ao atingir os 60 anos possa com facilidade, exercer uma atividade econômica.

4.3 - Participação no mercado de trabalho por idade

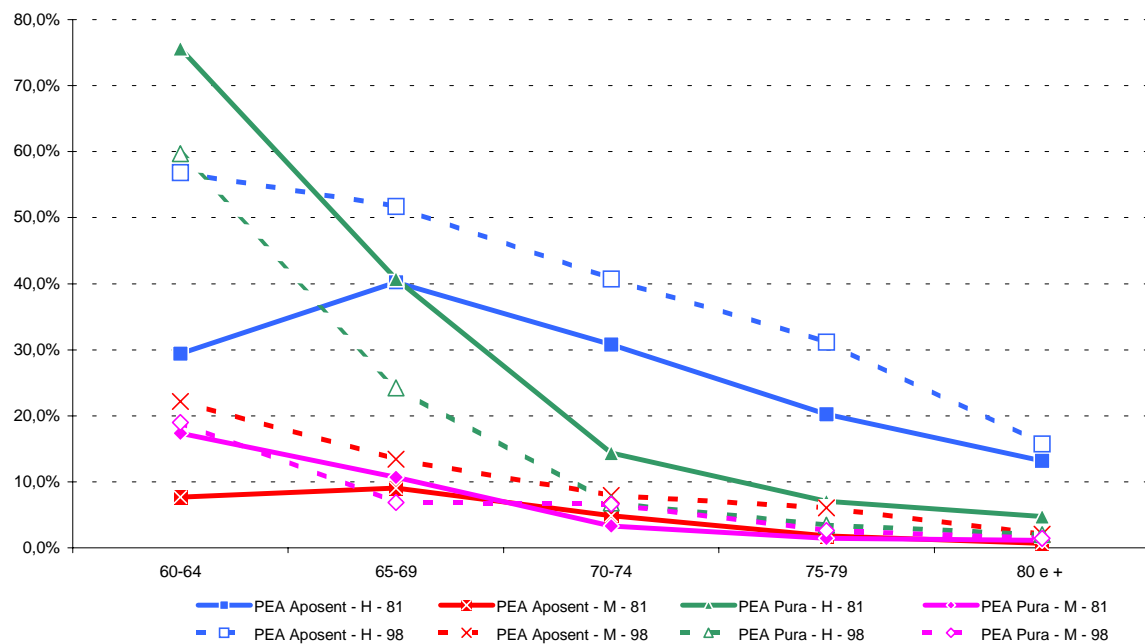
Através do gráfico 11, observa-se que as taxas específicas de atividades dos idosos em 1998 são menores que a dos adultos, considerados aqui como sendo a população entre 15 e 59 anos. Isso é especialmente verdade entre as mulheres. A queda da participação dos idosos com a idade é muito rápida. Entre os homens nordestinos, ela cai de 71,5% aos 60 anos para 30,9% aos 75 anos. A velocidade observada na região Sudeste é bem maior, uma taxa de atividade aproximadamente 75,0% menor aos 75 anos em relação da para o grupo etário 55-59 anos.

Gráfico 11
TAXAS ESPECÍFICAS DE ATIVIDADE POR IDADE E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1998



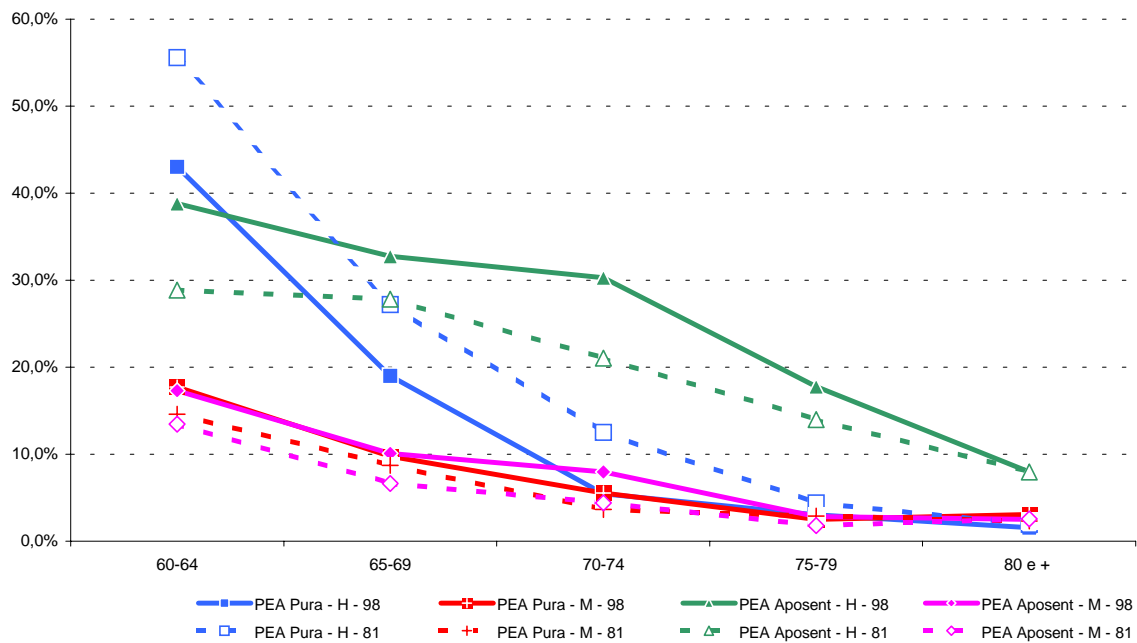
Os gráficos 12 e 13 mostram as taxas de atividade da população idosa por sexo, idade e categoria (aposentado ou não) para as regiões Nordeste e Sudeste, respectivamente. Pode se observar que no período considerado, as taxas de atividade da PEA pura masculina decresceram nas duas regiões e as femininas permaneceram aproximadamente constantes. Já as taxas de atividade da PEA aposentada cresceram expressivamente principalmente, as femininas que por exemplo, no Nordeste dobraram no período considerado.

Gráfico 12
TAXAS DE ATIVIDADE DOS IDOSOS POR CATEGORIAS
NORDESTE, 1981 E 1998



Fonte: IBGE, PNAD's de 1981 e 1998.

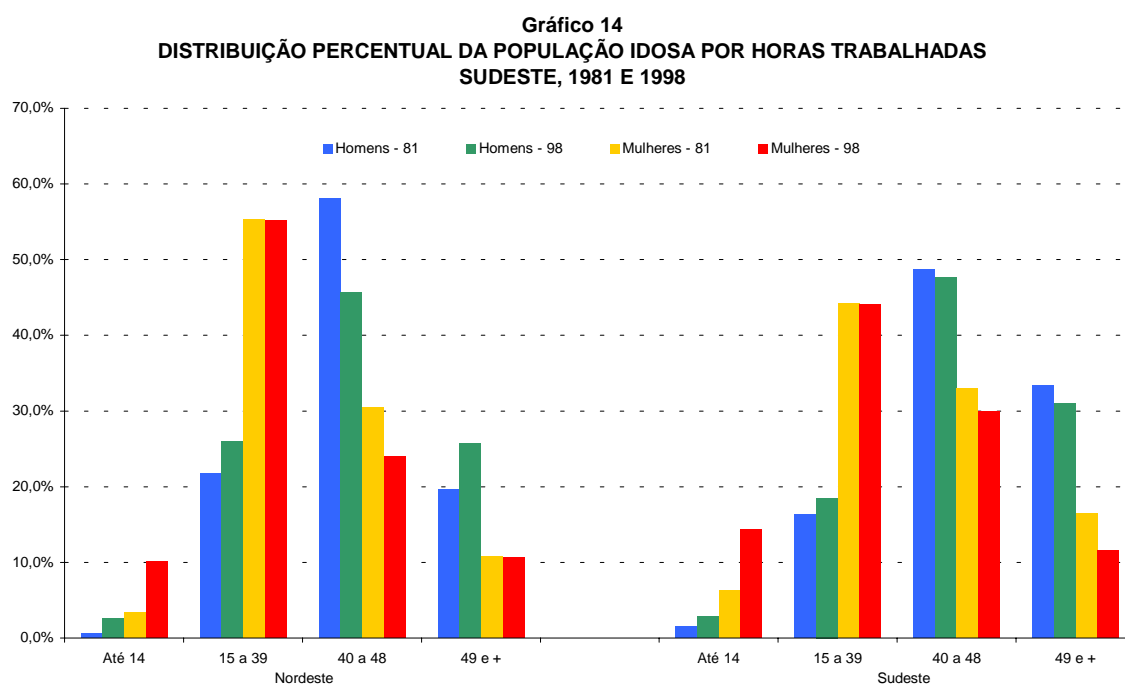
Gráfico 13
TAXAS DE ATIVIDADE DOS IDOSOS POR CATEGORIAS
SUDESTE, 1981 E 1998



Fonte: IBGE, PNAD's de 1981 e 1998.

4.4 - Horas Trabalhadas

O gráfico 14 mostra que as mulheres trabalham menos horas semanais do que os homens e a diferença relativa entre os sexos parece ter aumentado com o tempo nas duas regiões em maior proporção no Sudeste. Em 1998, 10,1% das mulheres nordestinas que declararam estar trabalhando passavam menos de 15 horas semanais no trabalho, proporção esta mais de duas vezes a observada em 1981. Em contrapartida, diminuiu a proporção de mulheres nordestinas trabalhando mais do que 15 horas semanais. O mesmo comportamento é observado entre as mulheres do Sudeste, 14,4% delas trabalhavam menos de 15 horas em 1998, proporção esta bem maior do que a observada em 1981, 6,4%. Parte desse resultado deve estar afetado pelas mudanças havidas no conceito da PEA nas PNAD's a partir de 1992. Mas pode-se concluir que as mulheres nordestinas não só participam mais do mercado de trabalho do que as do Sudeste, como também de forma mais intensa em termos de horas trabalhadas.



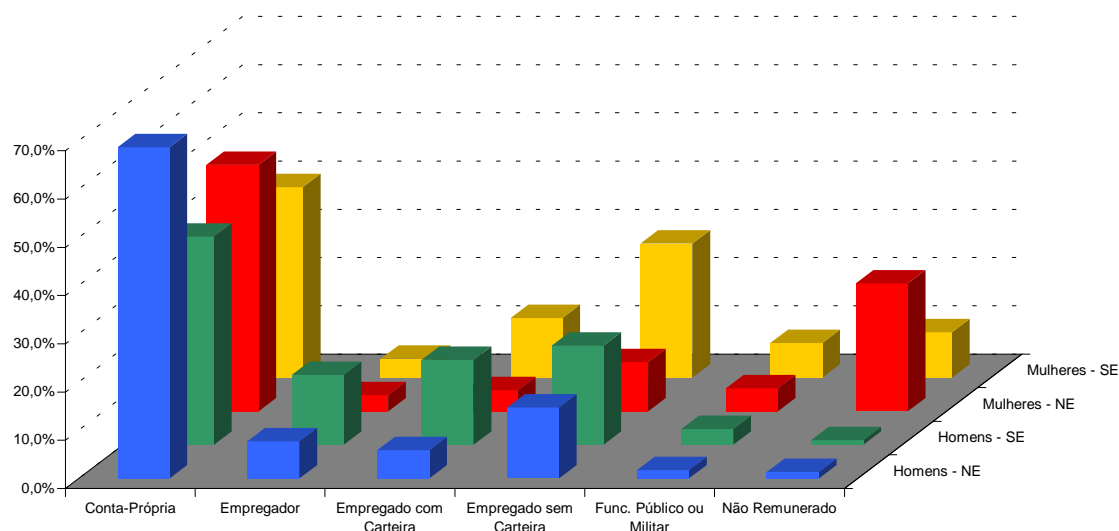
Fonte: IBGE, PNADs de 1981 e 1998.

4.5 - Ocupação

Aproximadamente 70,0% dos homens idosos nordestinos que trabalhavam em 1998 o faziam por conta própria, no Sudeste a proporção comparável foi de 43,2%. Essas proporções estão apresentadas no gráfico 15. Somando-as aos empregadores, encontravam-se 76,3% e 57,7% da PEA idosa masculina do Nordeste e Sudeste, respectivamente. Já, os empregados constituíam 20,6% da PEA idosa masculina no

Nordeste e 38,1% da do Sudeste. Dentro dessa categoria, destaca-se a elevada proporção de empregados sem carteira encontrada entre os homens das duas regiões, 14,7% no Nordeste e 20,5% no Sudeste. A distribuição observada da PEA idosa por ocupação deve ser explicada pela alta proporção de aposentados lotados na agricultura e no setor de serviços.

Gráfico 15
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA PEA IDOSA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1998



Fonte: IBGE, PNAD de 1998.

Entre as mulheres que constituem a PEA idosa, 51,0% encontram-se como conta própria no Nordeste e 39,5% no Sudeste. Entre conta própria e empregadoras, observou-se 54,3% da PEA idosa feminina nordestina e 43,4% da do Sudeste. Destaca-se ainda, a alta proporção de mulheres não remuneradas no Nordeste, 26,4%, e também a de empregadas sem carteira no Sudeste, 27,8%. Um outro ponto a se destacar é a proporção de idosos do sexo feminino em serviços domésticos dentre os idosos ocupados 15,6% no Sudeste e 3,1% no Nordeste.

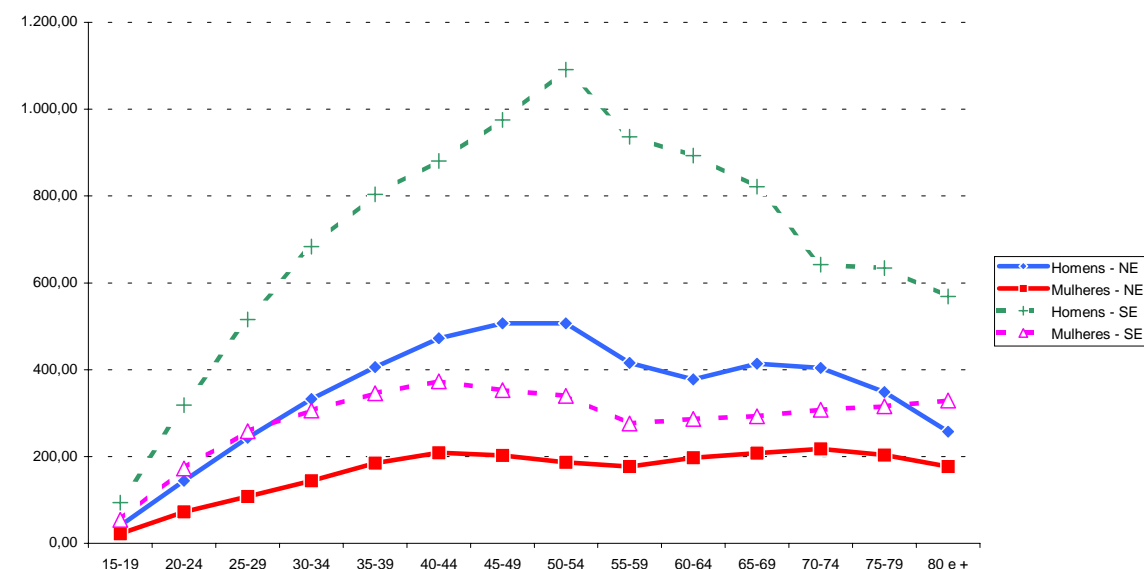
5 - RENDIMENTOS

5.1 - Visão Geral

O gráfico 16 apresenta o rendimento médio de todas as fontes da população nordestina e residente no Sudeste por grupos de idade e sexo no ano de 1998. Conforme esperado, os rendimentos médios da população nordestina em todas as idades foram menores do que a da residente no Sudeste. Os diferenciais entre as duas regiões são maiores para as pessoas entre 35 e 64 anos. Por outro lado, o rendimento médio dos

idosos decresce com a idade, mas encontraram-se superiores aos da população jovem nas duas regiões. Por exemplo, no Nordeste, um idoso do sexo masculino de 80 anos e mais apresentou um rendimento médio superior em 5,8% ao de um homem jovem de 25 a 29 anos e no Sudeste a diferença entre estas idades chegou a ser de mais de 10,0%.

Gráfico 16
RENDIMENTO MÉDIO DE TODAS AS FONTES POR IDADE E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1998



Fonte: IBGE, PNAD de 1998.

O comportamento da curva dos rendimentos femininos é diferente do masculino. Primeiramente, esses são inferiores aos masculinos. Parece haver um padrão semelhante na curva de rendimentos das duas regiões; esses crescem com a idade até o grupo de idade 40 a 44 anos, declinam até a faixa 50 a 54 anos, permanecendo praticamente constante a partir deste grupo etário. Entre as mulheres, o diferencial observado entre o rendimento da população de 80 anos e mais e a de 25 a 29 anos foi ainda maior do que o observado para a população masculina, 143% no Nordeste e 91% no Sudeste.

Dentre as várias situações na qual um idoso do sexo masculino está inserido, aquele que auferir rendimentos mais elevados é a categoria PEA aposentada, ou seja, o idoso aposentado que trabalha (ver tabela 8). Assumindo que não há diferenças educacionais, sociais, etc. dentro da categoria PEA idosa, pode-se dizer que o aposentado nordestino que trabalha ganha, em média, R\$205,35 a mais do que o que não trabalha e no Sudeste esta diferença é muito maior, R\$894,61. Esses dados sugerem que o trabalho do idoso aumenta expressivamente seu rendimento. Apesar do nível dos rendimentos das mulheres ser bastante inferior ao dos homens, as diferenças entre as categorias ocorrem

na mesma direção.

Tabela 8

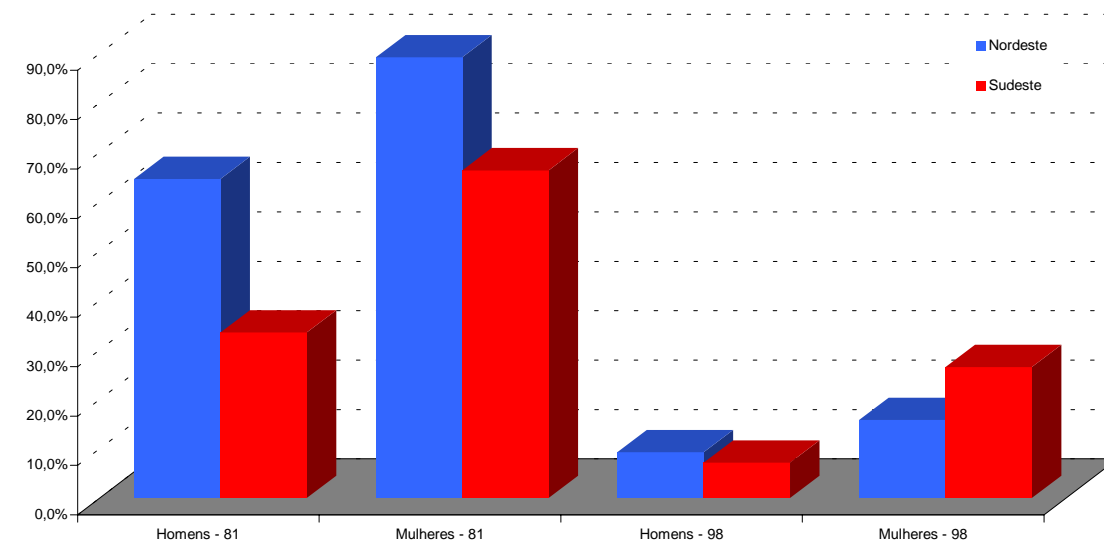
**RENDIMENTO MÉDIO DE TODAS AS FONTES DOS IDOSOS
POR CATEGORIAS E SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1998**

Categorias	Homens	Mulheres	Total
Nordeste			
PEA Pura	286,79	310,88	294,42
PEA Aposentada	495,18	282,66	449,54
Aposentado Puro	289,83	156,93	210,10
Pensionista Puro	144,63	279,30	276,58
Outros	603,74	218,38	287,88
Total	372,18	201,28	277,99
Sudeste			
PEA Pura	845,08	489,27	713,41
PEA Aposentada	1.388,02	620,95	1.263,16
Aposentado Puro	493,41	256,25	390,77
Pensionista Puro	157,84	312,36	310,43
Outros	772,61	264,23	370,83
Total	770,91	301,04	506,28

Fonte: IBGE, PNAD's de 1998.

A proporção de idosos que ganham menos de um salário mínimo está apresentada no gráfico 17 e mostra que houve uma melhora nos seus rendimentos entre 1981 e 1998, nas duas regiões, melhora essa medida pela proporção de idosos que ganham menos de um salário mínimo. Em 1981, aproximadamente 60,0% dos homens nordestinos ganhavam menos de um salário mínimo mensal e no Sudeste, 33,5%. Essas proporções em 1998 passaram para 9,3% e 7,2% no Nordeste e Sudeste respectivamente. Para as mulheres foi observado uma redução ainda maior nessa proporção, de 82,3% no Nordeste e 60,0% no Sudeste.

Gráfico 17
PROPORÇÃO DOS IDOSOS QUE RECEBEM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO POR SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1981 E 1998

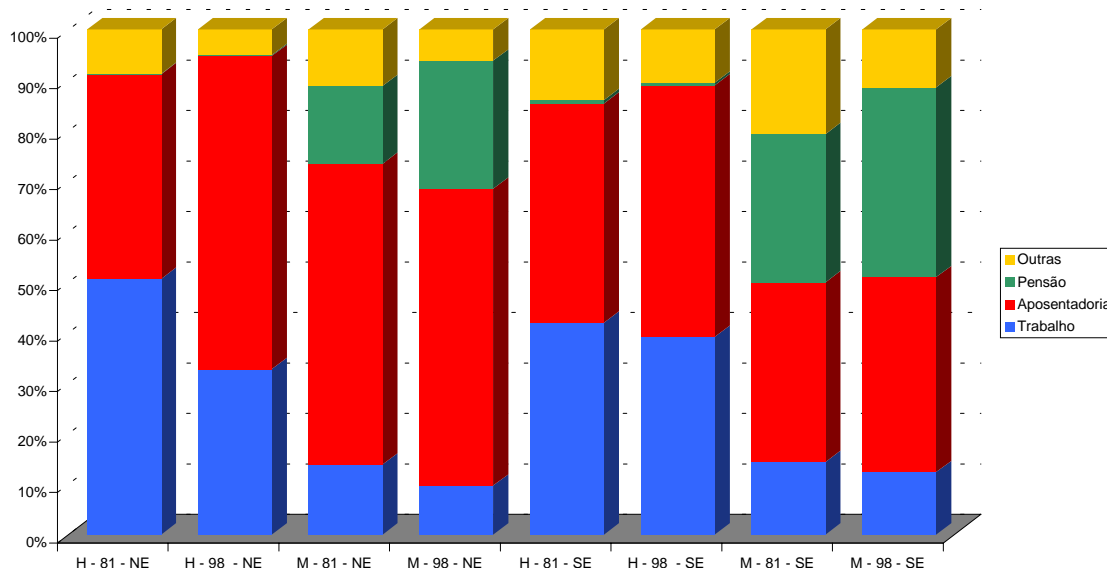


Fonte: IBGE, PNAD's de 1981 e 1998.

5.2 - Fonte dos Rendimentos

O gráfico 18 mostra que a maior parte da renda dos idosos em 1998, nas duas regiões em estudo, em especial no Nordeste, provinha da aposentadoria. O trabalho era responsável por 32,7% da renda dos idosos no Nordeste e por 39,1% no Sudeste, enquanto que a aposentadoria respondia por 62,0% no Nordeste e 49,7% no Sudeste. É interessante também observar que no Sudeste há uma contribuição expressiva dos rendimentos de outras fontes; mais do que o dobro da observada no Nordeste.

Gráfico 18
FONTE DE RENDIMENTO DOS IDOSOS POR SEXO
NORDESTE E SUDESTE, 1981 E 1998



A contribuição dos rendimentos de aposentadoria na renda das mulheres é menor do que na renda dos homens, mas o inverso ocorre com pensões (ver gráfico 18). Quando se adicionam os rendimentos de aposentadoria aos de pensão, a sua proporção fica superior à correspondente masculina. Esses dois benefícios foram responsáveis por 84,2% da renda das mulheres nordestinas e por 76,2% das residentes no Sudeste. Assim como para os homens residentes no Sudeste, o rendimento de outras fontes também possui grande importância na renda das mulheres idosas nessa mesma região.

Ainda com relação ao gráfico 18, nota-se que a importância dos rendimentos de aposentadoria e pensão na renda do idoso cresceu entre 1981 e 1998 tanto para homens quanto para mulheres nas duas regiões de estudo. Isso pode estar refletindo um efeito composição, ou seja, maior peso de grupos mais velhos e maior cobertura do sistema previdenciário, o que se verificou depois de 1988. O aumento das pensões foi mais importante entre as mulheres.

5.3 - A Participação da Renda do Idoso na Renda da Família

Os idosos são responsáveis por uma parte importante da renda das famílias na qual estão inseridos e isso é função principalmente do rendimento de aposentadoria (ver tabela 10). O rendimento proveniente dessa fonte de um idoso do sexo masculino, por exemplo, contribuía com 42,1% da renda familiar no Nordeste e com 40,9% no Sudeste. A participação da renda do trabalho na renda familiar foi de aproximadamente

18,0% nas duas regiões. Entre as mulheres nordestinas, a aposentadoria tem um papel mais importante na renda da família (35,5%) do que a de pensões que não atinge 10,0%. No Sudeste, a contribuição da renda da aposentadoria equivaleu à renda das pensões, chegando as duas a quase um terço da renda familiar.

Tabela 10

**CONTRIBUIÇÃO MÉDIA DOS RENDIMENTOS DOS IDOSOS NA RENDA FAMILIAR
NORDESTE E SUDESTE, 1998**

	Aposentadoria	Pensão	Todos os Trabalhos	Outras Fontes	Todas as Fontes
Nordeste					
Homens	42,1	0,5	19,2	1,9	63,9
Mulheres	50,0	35,5	2,9	1,9	49,5
Total	38,5	5,3	10,2	1,9	56,2
Sudeste					
Homens	40,9	0,5	18,0	4,4	64,4
Mulheres	16,9	16,2	3,4	3,2	40,7
Total	27,4	9,4	9,8	3,7	51,0

Fonte: IBGE, PNAD de 1998.

A tabela 11 mostra a proporção da renda familiar que depende do idoso por condição de chefia. Essa é outra variável importante na determinação da contribuição do idoso na renda familiar. De acordo com essa tabela, nota-se que quando o idoso é chefe, independente do sexo, ele contribui em maior proporção na renda familiar, 68,5% no Nordeste e 66,6% no Sudeste. Se eles não são chefes, essa contribuição decresce para 31,9% no Nordeste e 21,3% no Sudeste. Nas duas regiões, uma mulher idosa chefe de família contribui com proporções mais elevadas de sua renda do que um homem, em especial no Nordeste.

Tabela 11

**PROPORÇÃO DA RENDA QUE DEPENDE DO IDOSO POR SEXO E SITUAÇÃO DE CHEFIA
NORDESTE E SUDESTE, 1998**

	Homens	Mulheres	Total
Nordeste			
Chefe Idoso	65,7	73,4	68,5
Idosos Não Chefes	38,8	31,1	31,9
Total	63,4	49,6	55,8
Sudeste			
Chefe Idoso	66,2	67,2	66,6
Idosos Não Chefes	34,1	19,8	21,3
Total	63,5	40,2	50,4

Fonte: IBGE, PNAD de 1998.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o envelhecimento populacional esteja atingindo a sociedade brasileira como um todo, ele vem ocorrendo com especificidades importantes a nível social e regional. Nesse trabalho, tentou-se analisar as condições de vida da população idosa nordestina e da residente na região Sudeste através de sua inserção na família e mercado de trabalho, tentando salientar as diferenças e semelhanças nos dois processos.

Um primeiro ponto a se destacar é que o processo de envelhecimento populacional, se medido pela proporção de população idosa, é mais expressivo na região Sudeste do que na Nordeste, o que é facilmente explicado pela menor fecundidade e mortalidade da primeira região. Por outro lado, se se considera famílias com idosos, essas correspondem a aproximadamente um quarto do total de famílias das duas regiões. Esses dados mostram a importância de se considerar não apenas os idosos mas, as suas famílias.

As estruturas familiares das famílias nordestinas com idosos são bastante diferentes das que moram no Sudeste, como esperado. As primeiras famílias são de tamanho maior e com um número mais elevado de filhos; apesar de apresentarem um maior número de pessoas trabalhando, seu rendimento médio *per capita* é menos da metade do obtido pelas famílias do Sudeste. Em termos de escolaridade, o número médio de anos de estudo dos chefes de famílias com idosos do Sudeste é mais do que o dobro do observado nos chefes nordestinos. Essas diferenças apontam claramente melhores condições de vida das famílias com idosos no Sudeste do que no Nordeste, apesar das diferenças relativas terem diminuído entre 1981 e 1998.

As diferenças regionais se mantêm importantes quando controladas por nível de renda. As famílias nordestinas são maiores devido a um maior número de filhos do que as do Sudeste mas, são menos dependentes da renda do chefe pois o número médio de pessoas que trabalham é maior. Mais expressivos são os diferenciais regionais nos rendimentos médios *per capita*.

Os chefes pobres são bem mais velhos, bem menos educados e apresentam uma proporção mais elevada de mulheres na condição de chefia. Essa diferença é maior na região Sudeste. Encontra-se uma proporção elevada de mães com filhos nas duas regiões, sendo que no Sudeste ela se compara à de casais com filhos. Parece que se pode falar de uma associação entre pobreza, chefia feminina, baixa escolaridade e idade. É

claro que idade está associada a uma maior chefia feminina e à menor escolarização, pela mortalidade masculina mais elevada.

Um ponto considerado importante nas análises sobre envelhecimento é a dependência do indivíduo idoso sobre a família e o Estado. Para inferir a existência de algum grau de dependência sobre a família usando os dados das PNADs, uma das formas encontradas foi através da proporção de idosos classificados como outros parentes na famílias em que residem. Isso se explica em parte, pelo fato de, entre os homens, essa ser a categoria de mais baixo rendimento médio. Entre as mulheres, essa categoria é a segunda mais pobre. As mulheres predominam entre os parentes. Embora decrescente, a proporção de mulheres classificadas como parente em 1998 nas duas regiões (17,1% no Nordeste e 19,1% no Sudeste) é bem mais elevada do que a de homens que em nenhuma região ultrapassou os 7%. Ou seja, parece que as mulheres tem uma probabilidade maior de ser dependente. A probabilidade de um idoso ser parente cresce com a idade.

Uma das razões de se classificar o idoso como dependente é pelo fato dele não participar mais do processo produtivo, o que o faz dependente do Estado ou da família. No entanto, a participação dos idosos das regiões estudadas no mercado de trabalho não é desprezível. Aproximadamente a metade dos idosos nordestinos e 40% dos residentes no Sudeste estão no mercado de trabalho. Embora a participação feminina seja bastante baixa (pelo efeito coorte), ela foi de 13,6% e 10,7% em 1998 no Nordeste e Sudeste, respectivamente. Um fato importante é que a renda do trabalho se constitui num componente importante da renda das famílias que contem idosos.

Uma particularidade do mercado de trabalho brasileiro é a volta do aposentado para a atividade econômica. Consequentemente, o impacto da aposentadoria na saída do idoso no mercado de trabalho não parece ser muito grande. Nas regiões em estudo, as taxas de atividades mostram-se pouco sensíveis à aposentadoria. Na verdade, entre as mulheres o efeito foi o oposto do esperado. Por exemplo, a proporção de idosas nordestinas quase dobrou e as taxas de atividade aumentaram. A renda do trabalho do aposentado tem um papel importante na sua renda.

Tanto homens quanto mulheres nordestinas idosas participam mais do mercado de trabalho do que os idosos residentes no Sudeste. Essa maior participação se dá não só com respeito às taxas de atividade mas, também em termos de horas trabalhadas. No entanto, o rendimento médio do nordestino é aproximadamente a

metade do rendimento do residente no Sudeste, sendo essa diferença muito maior entre os homens. Grande parte dela é explicada pelas diferenças na renda do trabalho.

Os idosos são responsáveis por uma parte importante da renda das famílias na qual estão inseridos, o que provem principalmente, da renda da aposentadoria. O rendimento proveniente dessa fonte de um idoso do sexo masculino, por exemplo, contribuía com 42,1% da renda familiar no Nordeste e com 40,9% no Sudeste. A participação da renda do trabalho na renda familiar foi de aproximadamente 18,0% nas duas regiões. Entre as mulheres nordestinas, a aposentadoria tem um papel mais importante na renda da família (35,5%) do que a de pensões que não atinge 10,0%. No Sudeste, a contribuição da renda da aposentadoria equivaleu à renda das pensões, chegando as duas a quase um terço da renda familiar.

Esses dados mostram a importância da renda da aposentadoria na renda das famílias que tem idosos que na verdade, constituem quase um quarto das famílias dessas regiões. Isso mostra o efeito da instituição família como elemento distribuidor de renda e sugere que quando o Estado altera as regras que determinam a distribuição do benefício de seguridade social, o seu efeito é multiplicado dentro da família.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARANO, Ana Amélia & BELTRÃO, Kaizô Iwakami. *Dinâmica Demográfica: passado e futuro*, relatórios Técnicos 07/90. ENCE/IBGE, Rio de Janeiro, Julho 1990.
- CAMARANO, Ana Amélia & BELTRÃO, Kaizô Iwakami. *Dinâmica Demográfica por nível de renda*, relatórios técnicos 08/90. ENCE/IBGE, Rio de Janeiro, Agosto 1990.
- CAMARANO, Ana Amélia, EL GHAOURI, Solange Kanso. Idosos Brasileiros: que dependência é essa? In: *Muito Além dos 60: os novos Idosos Brasileiros*. IPEA, Rio de Janeiro, Dezembro 1999. pp. 281-304.
- CAMARANO, Ana Amélia, BELTRÃO, Kaizô Iwakami, PASCOM, Ana Roberta Pati, MEDEIROS, Marcelo e GOLDANI, Ana Maria. Como Vive o Idoso Brasileiro? In: *Muito Além dos 60: os novos Idosos Brasileiros*. IPEA, Rio de Janeiro, Dezembro 1999. pp. 19-71.
- CAMARANO, Ana Amélia & BELTRÃO, Kaizô Iwakami e NEUPERT, Ricardo. Século XXI: a quantas andar a população brasileira. In: *PARA a década de 90: prioridades e perspectivas de políticas públicas*. Brasília: IPEA/IPLAN, 1990. V. 3. pp. 1 – 36.
- CAMARANO, Ana Amélia & ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos Últimos 50 anos. *Texto para discussão nº 621*. IPEA, Janeiro 1999.
- CAMARANO, Ana Amélia O Idoso Brasileiro No Mercado De Trabalho. (mimeo), 2000.
- GOLDANI, Ana Maria. 1998. *Famílias e Famílias, Chefe e Chefes: a urgência de enfrentar o velho e sempre atual desafio dos conceitos*. (mimeo)
- GOLDANI, Ana Maria. Arranjos Familiares no Brasil dos anos 90: Proteção e vulnerabilidades. *Como Vai? População Brasileira*. Ano III nº 3. IPEA. Brasília, Dezembro 1998. pp 14-23.
- KINSELLA, Kevin e GIST, Yvonne J.. Older Workers, Retirement, and Pensions: *A Comparative International Chartbook*. U.S. Department of Commerce. December, 1995.